

LITERATURA E FORMAÇÃO PARA CIDADANIA: DESAFIOS, HÁBITOS E PRÁTICAS ESTIMULADORAS

Beatriz Damasceno Pedreira¹

RESUMO

A leitura é uma das mais poderosas ferramentas de formação humana, mas, nas escolas, ainda é comumente tratada como obrigação avaliativa, o que limita seu potencial crítico e transformador. Este estudo buscou compreender, a partir das vozes de estudantes e ex-estudantes do ensino fundamental e médio, como a leitura é vivenciada no contexto escolar e quais estratégias poderiam ressignificar essa experiência. Fundamentada nas concepções de David Ausubel, sobre a aprendizagem significativa, Antônio Candido, ao defender o direito à literatura, e Paulo Freire, que entende a leitura como prática de liberdade, a pesquisa adotou abordagem qualitativa, com aplicação de formulário a 40 participantes de diferentes redes de ensino. Os resultados evidenciam que o interesse pela leitura está presente entre os estudantes, mas é desestimulado por metodologias rígidas, excesso de foco em obras clássicas e ausência de práticas afetivas e criativas de leitura. Entre as propostas apresentadas, destacam-se: liberdade de escolha das obras, valorização de gêneros literários diversos, inclusão de autores contemporâneos e regionais, rodas de leitura, feiras literárias, dramatizações e uso de recursos digitais. Essas estratégias revelam um caminho inovador para transformar a leitura em experiência cotidiana, plural e conectada às realidades juvenis. Conclui-se que a escola, ao abrir espaço para a escuta e participação ativa dos alunos, pode não apenas despertar o prazer de ler, mas também fortalecer a formação de cidadãos críticos, empáticos e conscientes — objetivo central de uma educação democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Mediação literária, Inovação pedagógica, Aprendizagem significativa, Leitura crítica, Cidadania.

INTRODUÇÃO

A leitura, apesar de seu potencial formativo e transformador, ainda é tratada de forma tradicional nas instituições escolares, o que compromete sua eficácia como ferramenta pedagógica. Este estudo teve como objetivo compreender a relação de estudantes e ex-estudantes com a leitura no ambiente escolar, analisando suas percepções sobre as práticas adotadas e propondo caminhos mais significativos de mediação literária. A pesquisa parte do pressuposto de que a literatura é um instrumento de formação ética, intelectual e cidadã, conforme defendem Freire (1989), Ausubel (1968), Candido (2004) e Nussbaum (2015). A abordagem qualitativa permitiu identificar percepções e experiências

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, bia.damascenno@hotmail.com.





reais de estudantes, possibilitando reflexões sobre práticas pedagógicas mais humanizadas. Em síntese, o estudo aponta que o afastamento da leitura não decorre da falta de interesse dos alunos, mas da ausência de metodologias que valorizem o prazer e o protagonismo no ato de ler. Assim, reforça-se que a escuta ativa, o respeito à diversidade de gêneros e o envolvimento discente na escolha das obras são essenciais para a formação de leitores críticos e cidadãos participativos.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender, por meio de percepções individuais, como a leitura é vivenciada no ambiente escolar. A escolha por essa abordagem se justifica pela intenção de captar não apenas dados objetivos, mas também interpretações, experiências e sentimentos dos participantes em relação à leitura. O formulário, elaborado pela autora da pesquisa, foi composto por perguntas abertas e fechadas e teve como objetivo compreender a relação dos participantes com a leitura, suas preferências, hábitos de leitura durante o período escolar, influência de professores, acessibilidade aos livros, entre outros aspectos. A aplicação foi realizada de forma online, de maneira anônima e voluntária, com a participação de 40 pessoas que já passaram ou estão no ensino fundamental e médio. Os dados obtidos foram analisados de forma interpretativa, buscando identificar padrões, recorrências e particularidades nas respostas. Não houve necessidade de aprovação ética por não envolver dados sensíveis ou identificação pessoal. A metodologia teve como base princípios de aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1968) e educação libertadora (FREIRE, 1989), buscando compreender não apenas comportamentos de leitura, mas também sentidos subjetivos atribuídos pelos alunos à literatura.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica apoia-se em autores que compreendem a leitura como prática formadora e emancipatória. Segundo Freire (1989), a leitura deve ser um ato de liberdade, capaz de despertar consciência crítica. Candido (2004) defende o “direito à literatura” como essencial à dignidade humana, visto que a arte literária humaniza e amplia a visão de mundo. Ausubel (1968) propõe que o aprendizado ocorre de forma significativa quando novos conteúdos se conectam a conhecimentos prévios, princípio essencial para pensar práticas de leitura mais eficazes.





Roxane Rojo (2009) e Magda Soares (2020) contribuem com a ideia de múltiplos letramentos, indicando que a leitura deve contemplar diferentes linguagens e realidades culturais. Assim, compreender a literatura como espaço de inclusão, empatia e diálogo é reconhecer seu papel fundamental na formação cidadã e crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas evidencia que a maioria dos participantes possui uma relação positiva com a leitura, ainda que encontrem obstáculos escolares ou cotidianos. Cerca de 75% afirmaram gostar de ler romances, contos, poesias e outros gêneros literários, o que demonstra que o interesse pela leitura está presente — embora nem sempre estimulado. No entanto, quando questionados sobre a frequência de leitura por vontade própria, somente 17,5% disseram ler todos os dias, enquanto 35% afirmaram ler de vez em quando, e 15% nunca leem espontaneamente, o que aponta para um distanciamento entre o gosto declarado e o hábito efetivo de leitura.

Essa lacuna pode ser parcialmente explicada pela forma como a leitura é abordada no ambiente escolar. Quando perguntados se a escola incentiva a leitura de forma interessante e envolvente, 57,5% responderam que não, e apenas 15% consideraram esse incentivo adequado. A valorização de práticas pouco atrativas também foi apontada: 55% relataram que a escola costuma propor apenas leitura obrigatória para provas, e 27,5% mencionaram trabalhos escritos sobre os livros, com baixíssima ocorrência de atividades criativas, como rodas de leitura ou projetos interativos (apenas 10%).

Essa abordagem restrita parece ter impacto direto na motivação dos alunos: 75% afirmaram já ter perdido o interesse por um livro por causa da forma como ele foi trabalhado na escola, e 95% acreditam que o modo como a literatura é ensinada pode afastar os alunos da leitura. Além disso, 92,5% acreditam que a escola valoriza mais os chamados “livros difíceis” ou clássicos do que obras que sejam mais fáceis para pessoas que nunca levam nenhum livro. Imagina um adolescente de treze anos que nunca teve nenhum contato com livros, em um mundo cada vez mais tecnológico, ter que ler um livro de Machado de Assis, que costuma ter uma linguagem mais robusta, as vezes difícil até para quem já possui o hábito literário? Por isso, fica evidente uma desconexão entre o currículo literário escolar e os gostos juvenis. Tais dados sugerem que o problema não está na ausência de interesse dos alunos pela leitura, mas na forma como ela é mediada no ambiente escolar. Isso reforça a necessidade de estratégias mais dinâmicas e afetivas de aproximação com o texto literário, que considerem as experiências, realidades e interesses do público estudantil. De acordo com os resultados do questionário, percebe-se que o acesso à literatura nas escolas ainda é bastante limitado e, muitas vezes, direcionado exclusivamente para fins avaliativos. Quando a leitura perde seu





caráter prazeroso e cotidiano, ela se torna uma obrigação vazia de significado para os alunos, distanciando-os do verdadeiro potencial da literatura. Como já afirmava Freire (1989), a leitura deve ser um ato de liberdade e conscientização, não uma prática imposta e desprovida de sentido. Além disso, não podemos ignorar as barreiras materiais que dificultam esse acesso: livros no Brasil são caros, as bibliotecas escolares frequentemente são pouco atualizadas (isso quando possuem livros) e o incentivo à leitura muitas vezes não ultrapassa os muros da escola. É curioso observar que, enquanto algumas escolas públicas já disponibilizam tablets para fins pedagógicos, pouco se discute sobre a possibilidade de distribuir e-readers, como Kindles, focados exclusivamente na leitura e com capacidade para armazenar centenas de livros gratuitos ou de domínio público. Por que não pensar em políticas públicas que democratizem o acesso à literatura digital, tornando-a tão acessível quanto outros recursos tecnológicos já adotados pela educação? Diante disso, torna-se urgente repensar não só as metodologias, mas também as estruturas e condições materiais que permitem ou limitam o contato dos estudantes com a literatura. Só assim poderemos transformar a leitura em uma experiência real, cotidiana e significativa — e não apenas em um conteúdo cobrado em provas. A última etapa da pesquisa buscou identificar, a partir da percepção dos participantes, os principais desafios enfrentados no incentivo à leitura e as propostas que poderiam tornar esse processo mais eficaz, acessível e prazeroso. As respostas revelam um cenário de contradições: embora a leitura seja constantemente cobrada pelas instituições escolares, muitos relataram que o acesso aos livros é limitado — como no caso de um participante que afirmou: *“Minha escola vive falando para lermos, mas quando queremos pegar livros na biblioteca, eles não deixam.”*

Ao perguntar o que, na opinião desses participantes, ajudaria os alunos a se interessarem mais por literatura, surgiram contribuições valiosas. Um deles sugeriu: *“Apresentar os livros de forma mais envolvente e dinâmica e ampliar os gêneros, principalmente expandindo mais a possibilidade de conhecer a literatura contemporânea! Inclusive, uma opção para tanto seria acrescentar uma matéria para tal, a fim de separar a literatura obrigatória, que normalmente envolve a literatura clássica, da literatura mais atual e multigênero — que possivelmente alcançaria uma maior aceitação e interesse da classe!”*

Outro destacou a importância da ludicidade e da escuta: *“Atividades lúdicas; a criação de um clube de livro; saber qual o gênero literário que o aluno se identifica mais, para que a leitura se torne prazerosa e não por obrigação.”*





Também foi levantada uma crítica ao foco restrito na tradição canônica: *“Nas escolas, o foco costuma ser quase sempre na literatura clássica, o que, claro, tem seu valor. Mas a verdade é que esse estilo nem sempre combina com o perfil de todos os alunos. Acredito que, se outros gêneros fossem mais explorados no ambiente escolar, como thrillers, fantasia, romances contemporâneos, ficção científica, entre outros, o interesse pela leitura poderia crescer muito mais! Literatura também é identificação. E quando o aluno se vê na história, tudo muda.”*

E ainda, propostas mais coletivas e colaborativas foram apresentadas: *“Deixar com que os estudantes leiam livros de seu interesse, fazer rodas de conversa para que os próprios estudantes motivem outros a ler, fazer feira de literatura com exposições de livros, peças teatrais com base em histórias retiradas de livros, entre outros.”*

As falas revelam que os estudantes sabem exatamente o que sentem falta no ambiente escolar: liberdade de escolha, identificação com as obras, experiências mais vivas e envolventes com a literatura. Dar espaço para essa escuta é essencial, pois quando o sujeito se sente parte do processo, ele também se torna protagonista do seu aprendizado. Mais do que impor leituras, é preciso abrir caminhos para que os alunos encontrem, por si mesmos, o prazer de ler. Afinal, a leitura só cumpre seu papel transformador quando é acessada com liberdade, afeto e significado.

Outro ponto amplamente mencionado foi o modelo tradicional de ensino da literatura, centrado quase exclusivamente nos clássicos, considerados por muitos como “difíceis” ou desinteressantes. Essa percepção gera desmotivação e afasta os alunos do hábito da leitura, como reforça o comentário: *“Acredito que, se outros gêneros fossem mais explorados no ambiente escolar, como thrillers, fantasia, romances contemporâneos, ficção científica, o interesse pela leitura poderia crescer muito mais!”*

As propostas apresentadas convergem para práticas mais dinâmicas e afetivas: permitir a escolha de obras pelos alunos, trabalhar com temas do cotidiano, realizar atividades lúdicas e interativas, como rodas de conversa, feiras literárias, dramatizações, e ainda utilizar ferramentas digitais como e-books, celulares e plataformas online para tornar a leitura mais acessível. Muitos também sugeriram o uso de autores contemporâneos e regionais, o respeito à individualidade dos gostos literários e a separação entre a literatura obrigatória e a literatura recreativa como caminhos promissores para despertar o interesse genuíno pela leitura.

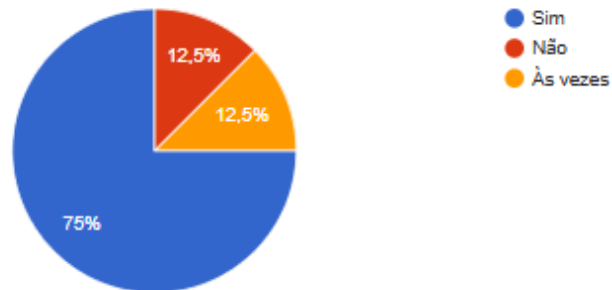
Figura 1 – Gráfico de interesse pela leitura entre os participantes





Você gosta de ler livros literários (romances, contos, poesias, suspenses e etc)?

40 respostas

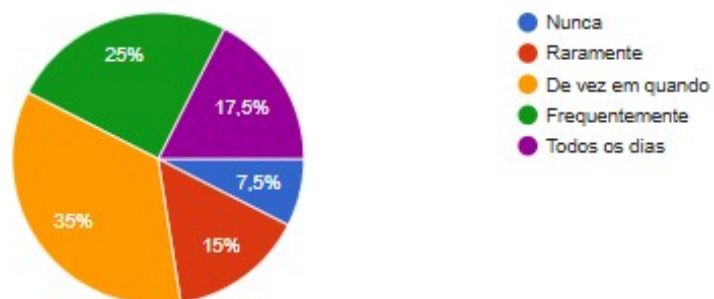


Fonte: Google Forms (2025)

Figura 2 – Gráfico de frequência de leitura entre os participantes

Com que frequência você lê por vontade própria (fora das obrigações escolares)?

40 respostas



Fonte: Google Forms (2025)

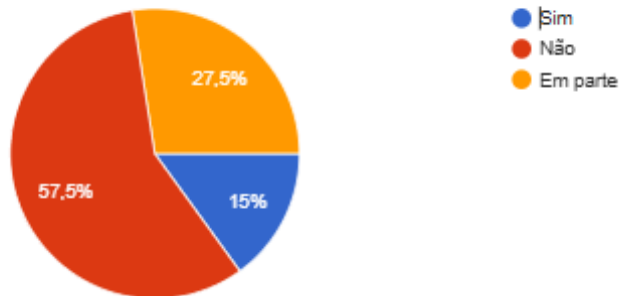
Figura 3 – Gráfico de incentivo de leitura entre as escolas dos participantes





Você sente que a escola incentiva a leitura literária de forma interessante e envolvente?

40 respostas

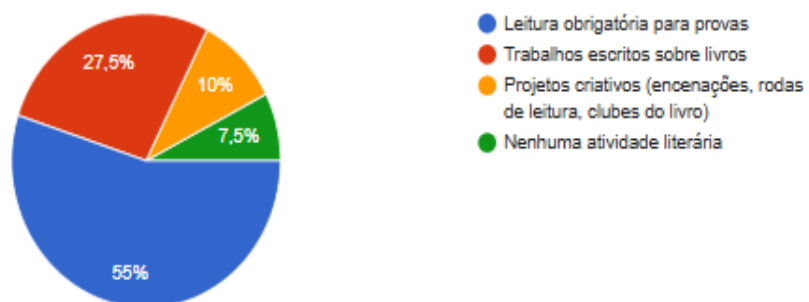


Fonte: Google Forms (2025)

Figura 4 – Gráfico sobre atividades propostas pelas escolas dos participantes

Que tipo de atividade literária a sua escola costuma (ou costumava) propor? [Copiar grã](#)

40 respostas



Fonte: Google Forms (2025)

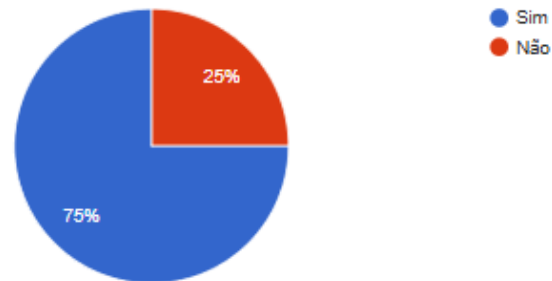
Figura 5 – Gráfico sobre interesse literário dos participantes com base na maneira que o livro foi trabalhado nas suas escolas





Você já teve vontade de ler algum livro, mas perdeu o interesse por causa da forma como ele foi trabalhado na escola?

40 respostas

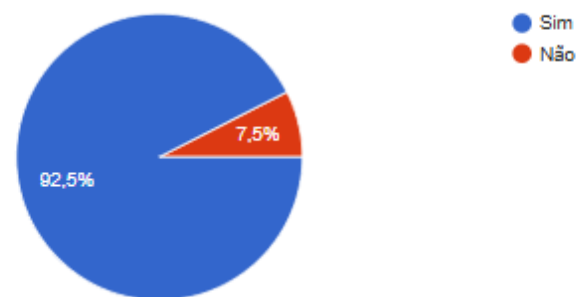


Fonte: Google Forms (2025)

Figura 6 – Gráfico sobre valorização de livros clássicos pelas escolas dos participantes

Você acha que a escola valoriza mais a leitura "difícil" ou "clássica" do que livros que realmente interessam aos alunos?

40 respostas



Fonte: Google Forms (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados nesta pesquisa e das falas dos participantes, torna-se evidente que o incentivo à leitura nas escolas ainda esbarra em diversos desafios, que vão desde o acesso restrito aos livros até metodologias engessadas e distantes da realidade dos alunos. A leitura, quando tratada apenas como instrumento de avaliação, perde seu valor formativo, afetivo e libertador — aspectos tão defendidos por educadores como Paulo Freire.





Ao mesmo tempo, as propostas apresentadas pelos estudantes apontam caminhos possíveis e potentes. Eles desejam mais liberdade para escolher o que leem, mais contato com gêneros literários diversos e mais espaços coletivos para compartilhar suas experiências com a literatura. Desejam menos imposição e mais escuta. Menos obrigação e mais prazer.

Os relatos revelam que não é a leitura que desinteressa os jovens, mas sim as formas como ela é, muitas vezes, apresentada e imposta. Nesse sentido, a pesquisa reforça a importância de repensar as práticas escolares, investindo em metodologias mais inclusivas, afetivas e criativas. Além disso, é urgente discutir políticas públicas que garantam o acesso real aos livros — sejam físicos ou digitais — e não apenas o discurso sobre sua importância.

A escola precisa deixar de apenas cobrar a leitura e passar a vivê-la junto aos alunos. Escutar suas vozes, respeitar seus gostos e criar ambientes onde a literatura seja vista como espaço de identificação, descoberta e liberdade são passos fundamentais para que o ato de ler deixe de ser exceção e se torne parte do cotidiano escolar. A leitura é uma chama — mas, para acendê-la, é preciso mais do que fósforos: é preciso que o aluno queira queimar junto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial ao meu pai, cuja memória continua sendo minha maior fonte de força e inspiração. Esse trabalho também é uma homenagem à sua trajetória, por ter me ensinado o valor da educação, por ter colaborado com meu amor aos livros e incentivado meus sonhos mesmo diante das dificuldades. Seu exemplo de perseverança e bondade continua guiando meus passos. Ele sempre se orgulhou da minha caminhada acadêmica e, certamente, ficaria feliz em ver a realização deste e de tantos outros trabalhos. Hoje, porém, sou eu quem se orgulha profundamente da vida linda e significativa que ele construiu e do legado que deixou em mim. Agradeço também à minha mãe, por todo amor e cuidado durante o período de pesquisa; ao meu irmão, por sempre ter sido um exemplo e um espelho para mim; e ao meu namorado, por todo carinho, incentivo e apoio durante essa jornada. Essas pessoas são o meu alicerce e a razão de muitas das minhas conquistas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 169–191.





FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PALACIO, R. J. *Extraordinário*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e letramento*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

NUSSBAUM, Martha C. *Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

